

Foice & Martelo



18 de Junho de 2015 • Nº 73 • R\$ 2,00

“A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES.” (KARL MARX)

Um Congresso triste e uma direção suicida



Internet

O PT faz o Congresso da falência. Elegeu 1800 delegados, mas a Executiva cortou 800 por falta de dinheiro. Só 750 foram, mas na votação mais importante 187 delegados desapareceram. Estavam na praia. Na abertura com Lula e Dilma só tinha 500 no plenário. No meio do discurso de Dilma, 250 foram embora. E a Carta de Salvador afirma que tudo está bem no melhor dos mundos.

O governo Dilma anuncia mais privatizações de portos, aeroportos, ferrovias e rodovias e doação de 200 bilhões aos empresários.

O Congresso aplaude Vaccari, a pedido da corrente O

Trabalho. Mantém as alianças com os partidos burgueses, silencia sobre o ajuste fiscal (assim a bancada pode continuar apoiando). Lula avisa que vão continuar pegando dinheiro de empresas. Mantém o degenerado PED. Enfim, declara total apoio ao governo.

A crise aparece com dirigentes da CUT divulgando um manifesto contra o ajuste fiscal (ignorado na resolução final), oradores sendo vaiados, manobras da mesa e um clima de profundo pessimismo político. E, como gado que marcha para o matadouro, o PT reafirma a linha política que provocou tudo isso.

Os Judas da classe trabalhadora

PÁG 03



Congresso da UNE: cresce a oposição de esquerda

PÁG 04



O que pensa o imperialismo essa semana?

A edição de 6 de junho da revista The Economist se preocupa com a instabilidade crescente no Oriente Médio, atribuindo o atual estado de coisas a uma ineficiente política externa de Obama.

Dizem explicitamente que a Primavera Árabe derubou homens fortes trazendo mudanças, mas não o tipo que os EUA gostariam.

Obama bombardeou alvos no Afeganistão, Paquistão, Somália, Iêmen, Líbia, Iraque e Síria e ordenou a operação que matou Osama bin Laden, mas mesmo assim a revista insinua uma frouxidão para lidar com a região, em estar concentra-

do na diplomacia, no caso de Israel e palestinos, assim como no acordo com o Irã.

The Economist afirma que a prioridade em política externa dos EUA deve ser “a ambição geopolítica crescente da China”, mas sem ignorar o Oriente Médio, onde um de cada três barris de petróleo do mundo

são produzidos. Mesmo os EUA produzindo para suas necessidades de consumo internas hoje, não podem impor preços, o que impacta sua economia como um todo. Concluem que os EUA devem estar prontos para usar a força, ou seja, querem guerras.

Não podem viver sem elas.



NOTAS DA LUTA DE CLASSES



As greves de massa estão de volta

Termina a greve dos professores de SP

Em 12/6/2015 se encerrou a maior greve da história da educação pública paulista, com 92 dias de resistência. A APEOESP deflagrou a greve a partir das demandas salariais e por condições de trabalho. O reajuste anunciado era de 0%!

Apesar do corte de ponto, mesmo com a greve sendo julgada legal, dezenas de milhares de professores resistiram à truculência do governo Alckmin só negociou após 60 dias de greve!

Os ganhos econômicos foram mínimos e a greve foi suspensa sem ter um índice de reajuste salarial, com uma promessa de política salarial até 2018, a ser anunciada em

julho de 2015, além de melhorias nos contratos temporários. Porém, o ganho político de mobilização foi gigante.

Chegando a ter mais de 150 mil professores parados e manifestações gigantescas com 50, 60 mil professores, além de ocupação da ALESP, a categoria demonstrou disposição para continuar a luta no próximo período.

Num contexto de crise do capitalismo os embates só se intensificarão. A APEOESP recuperou sua capacidade de mobilização, apesar da burocrática e incapaz direção da ArtSind. Essa disposição de luta será imprescindível para o próximo período. Vencemos! ●

A CUT sem perspectivas

O dia 29 de maio foi melancólico. A linha crescente de participação que vinha de outros atos nacionais quebrou e a melancolia espalhou-se. Da “preparação da greve geral” sobraram as palavras vazias e faixas guardadas.

O dia foi convocado contra as MP 664 e 665, pela Reforma Política, contra a privatização da Petrobras e contra o PL das terceirizações.

Se o PL das terceirizações repousa nas gavetas do Presidente do Senado, a privatização da Petrobras vai muito bem conduzida pelo governo através do fatiamento da empresa, venda de subsidiárias (como a Transpetro, altamente rentável) e inclusive ameaça de perda de controle acionário. Gritar que a direita e o PSDB querem privatizar a Petrobras quando é o governo Dilma que está fazendo o serviço sujo, não mobiliza ninguém.

O PT colocou a reforma política na pauta e já se viu no que deu. Os pequenos partidos perderam as verbas do Fundos Partidário e tempo na TV.

As centrais fizeram o favor de marcar um dia de luta contra as MPs 664 e 665 depois delas já terem sido votadas. E a CUT fez questão de marcar posição pelo “não



A CUT não se empenhou no dia 29/5

veto à fórmula 85/95”, que segue prejudicando os trabalhadores, e foi embutida em uma das MPs.

Assim, o dia 29 foi muito esvaziado. E a CUT agora fala em “vigília” para manter a fórmula 85/95 que prejudica os mais pobres e que começam a trabalhar mais jovens.

Os marxistas propõem que todo sindicato e congresso sindical aprove: abaixo as reformas previdenciárias, revogação de todas elas, revogação do fator previdenciário, nenhuma confiança neste governo que aplica medidas anti-trabalhador. ●

Quem Somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos a ver com as organizações e agrupamentos ultraesquerdistas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, dedicam-se ao divisionismo e ao denuncismo inócuo e impoten-

te. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

Foice & Martelo

CONSELHO DE REDAÇÃO
Serge Goulart, Alex Minoru,
Caio Dezorzi, Mario Conte.

EDITOR
Serge Goulart

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Rafael Prata MTB nº 40040/SP

DIAGRAMADOR
Evandro José Colzani

jornal@marxismo.org.br
www.marxismo.org.br

Rua Tabatinguera, 318, Centro
São Paulo/SP - CEP: 01020-000
Fone: (11) 3101-8810

A falência política do 5º Congresso do PT, um congresso para que nada mude

Esquerda Marxista
jornal@marxismo.org.br

O 5º Congresso do PT, ocorrido de 11 a 13 de junho, em Salvador, evidenciou a profunda crise instalada no partido e sua falência política.

O governador petista da Bahia, Rui Costa, tentou fazer o discurso de boas vindas e foi vaiado com gritos de “Cabula, Cabula, Cabula”, em referência a um bairro de Salvador onde a PM estadual assassinou jovens negros. A ação foi apoiada pelo governador.

Lula leu seu discurso. Defendeu seu legado, o governo e endureceu nas críticas à mídia burguesa que o acusa de envolvimento em corrupção. No plenário, apatia, nada da vibração de outros tempos.

Dilma discursou dizendo que “nós não mudamos de lado”, para depois defender o ajuste fiscal e tentar unificar o partido na defesa do governo. Nesse momento o plenário se esvaziou e só sobraram cerca de 250 delegados.

O fato mais relevante desse Congresso foi um manifesto intitulado “O PT de volta para a classe trabalhadora”, assinado por 422 lideranças sindicais cutistas, incluindo 31 membros da Executiva Nacional e

o presidente da central, Vagner Freitas.

O manifesto faz críticas ao governo e ao ajuste: “Consideramos que a política de ajuste fiscal regressivo e recessivo inaugurada com a nomeação de Joaquim Levy para o Ministério da Fazenda coloca o PT contra a classe trabalhadora e as camadas populares que sempre foram sua principal base de apoio. Trata-se de uma política econômica que diminui o papel do Estado, corta investimentos e eleva juros, acabando por restringir direitos sociais, rebaixar salários e aumentar o desemprego, com impactos negativos no PIB”.

Esse manifesto é a expressão da revolta existente na base dos sindicatos, na classe trabalhadora, com a política do governo, apoiada pelo partido. Pra não perder a base, os dirigentes sindicais precisam fazer algum movimento à esquerda.

A realidade esteve ausente nos discursos dos principais dirigentes do PT e na resolução política do Congresso, intitulada de “Carta de Salvador”, uma obra de ficção para defender o governo e a política que destruiu o PT como instrumento de luta da classe trabalhadora.

São feitas, no documento, autocríticas superficiais, como o afastamentos do partido em

relação aos movimentos sociais, e de não ter sido criado um sistema de comunicação para se contrapor às “corporações midiáticas”. No entanto, o centro, a política de colaboração de classes, isso segue sendo um acerto que “tornou viável, para as administrações comandadas pelo PT, a construção de maiorias parlamentares táticas, que garantiram a governabilidade para aprovação de políticas públicas e manutenção da estabilidade institucional”.

Qualquer traço de crítica ao governo foi retirado do documento final.

Nem sobre o financiamento do partido o Congresso decidiu. Remeteu para o Diretório Nacional. Lula explicou que “se precisar” de doações privadas, “com a mesma cabeça erguida com que a gente dá os nossos R\$ 10,00, a gente vai pedir”. É a nítida dependência que o PT tem das doações da burguesia e do Fundo Partidário do Estado. É incapaz de se sustentar a partir dos militantes.

Todas as principais correntes defendem a existência de uma “onda conservadora”, o que lhes serve bem como cortina de fumaça para defender o governo. Todas propõem como saída a farsesca Reforma Política.



Plenário esvaziado durante o discurso da presidente Dilma

O PED continua, a aliança com a burguesia continua, o apoio ao ajuste fiscal do governo continua, o dinheiro de empresas para o partido continua, a caminhada para a destruição também continua.

Ao contrário do PT e de suas tendências, nós olhamos com entusiasmo a atual situação política. A classe trabalhadora segue forte, luta, resiste e busca uma saída. As instituições burguesas, incluindo os partidos tradicionais que se empenham na defesa da ordem, ganham cada vez mais o

ódio das massas. É o mesmo processo que estamos vendo ao redor do mundo, em especial na Grécia e na Espanha.

São tremores abalando as estruturas do regime capitalista internacional. Um mundo novo lutando para nascer das entranhas do decadente capitalismo. A Esquerda Marxista, que rompeu com o PT, permanece fiel aos princípios de independência de classe, mantém acesa a chama que esteve na origem do PT, e segue em frente na luta pela revolução, pelo socialismo.

NACIONAL

São todos Judas da classe trabalhadora

Roque Ferreira
roque800@gmail.com

O ministro da fazenda Joaquim Levy, vem sendo criticado por setores da direção do PT que o classificam como “Judas” por conta do ajuste fiscal que corta despesas do governo e eleva a arrecadação via aumento de impostos com a elevação da meta do superávit primário para 1,2% do PIB (Produto Interno Bruto), o que corresponde a R\$ 66,3 bilhões para pagar os juros da dívida pública.

Também foram bloqueados R\$ 69,9 bilhões do Orçamento, um dos maiores cortes de recursos da história do país, afetando Ministérios como o das Cidades, Saúde e Educação.



Levy e sua chefe

E as MPs 664 e 665 foram aprovadas com o apoio da maioria das bancadas do PT na Câmara e no Senado.

Então, como é possível que setores da direção do partido criticam o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, como se este tivesse autonomia para apresentar este verdadeiro pacote de

maldades contra a classe trabalhadora?

Os setores do PT que criticam o Levy praticam a arte de enganar fazendo um jogo de preservar a presidente e ao mesmo tempo vender a ideia de que o PT é contrário às medidas do ajuste. Mas, a prática desmente. O ajuste é da Dilma e do PT. O ministro é o executor das políticas definidas pelo governo, ou já teria sido defenestrado.

Como disse Zé Dirceu, “estão todos no mesmo saco” defendendo os interesses dos capitalistas e das grandes corporações, aplicando as políticas que a maioria do povo derrotou nas urnas. É isso que leva a maioria da classe a romper seus laços com o partido.



Num beco sem saída

Zé Dirceu declarou “estamos no mesmo saco, Lula, Dilma e eu”. Ele continua apoiando a mesma política, mas foi abandonado por Lula e Dilma no julgamento da AP 470. Lula disse que sóalaria depois do julgamento, mas parece que esqueceu.

Zé Dirceu fala da crise do PT e cita o PSOE espanhol dizendo que “deixou o poder em 1996 sob acusações de corrupção e associação ao terrorismo e voltou com força em 2003”.

Péssima lembrança, já que o PSOE perdeu as eleições na Espanha e está afundando. Quem surge é o PO-DEMOS, criado em 2014 e vencedor das eleições deste ano na Espanha. Zé Dirceu quer é se diferenciar do governo e da atual direção do PT como se não tivesse nada a ver com o que eles fazem.

A continuidade desta política levará o barco a afundar com todos dentro. Quem viver verá.

JUVENTUDE

Congresso da UNE: cresce a oposição de esquerda

Caio Dezorzi
caiodezorzi@gmail.com

De 3 a 7 de junho foi realizado o 54º CONUNE (Congresso Nacional da UNE – União Nacional dos Estudantes) que reuniu mais de 4 mil delegados e 8 mil estudantes em Goiânia para discutir os rumos da entidade e eleger uma nova direção para os próximos 2 anos. O primeiro CONUNE após as jornadas de junho de 2013 foi marcado pela luta contra o ajuste fiscal do Governo Dilma-Temer que corta verbas da educação e contra a redução da maioria penal.

O atual grupo dirigente da UNE (a UJS, do PCdoB) se viu obrigado a fazer um discurso mais à esquerda, para eleger seus delegados.

Já no CONUNE, saiu na defesa do Governo, alegando que existe uma “onda conservadora” e uma ameaça iminente de golpe da direita. No 4º dia do CONUNE realizou um ato “em defesa da democracia e por mais direitos”, com a presença de Guilherme Boulos (MTST), buscando dar cobertura ao Governo com um discurso contra a direita.

O PPL (Partido da Pátria Livre), antigo MR8, conhecido como “Mutirão” nos congressos estudantis, puxava a palavra de ordem “Fora Dilma”. Mas, não teve eco. Do outro lado, correntes petistas e o PCdoB, puxavam “Olê, olê, olê, olá! Dilma, Dilma!”, que também não pegou. Nem a base da UJS entrou nessa.

Coube à Oposição de Esquerda (bloco de forças políticas, teses e movimentos) chamar as palavras de ordem pelas



Delegação da Campanha “Público, Gratuito e Para Todos”

reivindicações estudantis, contra os cortes, o ajuste fiscal e por mais democracia na entidade. Com uma linha política antigovernista, mas sem ser sectária, a Oposição de Esquerda pôde dialogar com a maioria dos estudantes presentes preocupados com a educação e o futuro do país.

Na plenária final, a vencedora com 2.367 votos foi a chapa “O movimento estudantil unificado contra o retrocesso em defesa da democracia e por mais direitos”, composta pela “Abre Alas” (UJS), “Paratodos” (CNB-PT) e “Kizomba” (DS-PT). Em segundo lugar, com 724 votos ficou a chapa “Campo Popular que vai botar a UNE pra lutar”, composta pelo “Levante Popular da Juventude” (Consulta Popular), “Reconstruir a UNE” (AE-PT), “O Estopim” (MS-PT), “Quilombo” (EPS-PT) e “UNE é pra lutar” (OT-PT).

Em terceiro lugar ficou a chapa da “Oposição de Esquerda”, com 704 votos, composta por “Juntos!” (MES-PSOL), “Rebele-se” (PCR), “RUA” (Insurgên-

cia-PSOL), “Jsol” (APS-PSOL), “Vamos à Luta” (CST-PSOL), “Público, Gratuito e Para Todos” (Esquerda Marxista), “Domínio Público” (DP-PSOL), “Unidos para Lutar” (CST-PSOL), “Juventude Comunista Avançando” (PCLCP) e “Construção” (LSR-PSOL). Em quarto lugar, com 242 votos, ficou a chapa “Contra os cortes. Coragem para lutar”, composta por “Mutirão” (PPL), “Reinventar a UNE” (PDT) e “JSB” (PSB). Em último lugar, com 34 votos, ficou a chapa “Eu acredito que você vai gritar junto”, composta pelo PMDB e PSDB.

Há anos a UJS mantém a direção da UNE na base da fraude no processo de eleição dos delegados e seu quase exclusivo acesso às universidades pagas em acordo com os proprietários.

Já o “Campo Popular”, que na plenária final era visivelmente menor do que a Oposição de Esquerda, saiu bastante desmoralizado do CONUNE. Na votação mais importante – resolução sobre conjuntura – o Campo Popular retirou sua

proposta e chamou voto na proposta da UJS, proposta inteiramente governista, burocrática e de capitulação e abandono das lutas estudantis. Isso levou a um enorme mal-estar na sua base. Visivelmente os delegados identificados com o Campo Popular não levantaram seus crachás para votar a favor da proposta da UJS. Nos corredores se dizia que este foi o preço que a direção do Campo Popular teve que pagar para receber cerca de 50 votos da UJS na eleição das chapas, para garantir seu lugar à frente da Oposição de Esquerda e ter o vice-presidente.

A tese “Público, Gratuito e Para Todos” levantava a necessidade da retomada da Carta de Princípios do Congresso de Reconstrução da UNE (1979), que trazia a luta por educação pública, gratuita e para todos como um princípio. Os demais componentes da Oposição de Esquerda compreenderam a importância deste combate e adotaram esta linha em suas propostas de resolução. Com isso, levamos um número muito mais amplo de estudantes a levantar no CONUNE a bandeira da retomada da luta por vagas para todos nas universidades públicas.

Se a Oposição de Esquerda mantiver firme esta linha política de combate, exigindo o fim do pagamento da dívida pública, sem ceder às pressões reformistas de lutar “pela regulamentação do ensino pago”, poderá se tornar o desaguadouro da insatisfação juvenil dentro da UNE no próximo período, e assumir a direção da entidade, colocando-a de volta sob controle dos estudantes.

PODEMOS Espanha

Em 24 de abril a Espanha viveu mais um capítulo do fenômeno político chamado PODEMOS. As eleições municipais e estaduais deram o tom daquilo que deve também acontecer nas eleições nacionais em novembro, a vitória da esquerda. O PP (Partido Popular) saiu derrotado de forma geral, ainda que mantenha a maior quantidade de votos, perdeu nos locais que historicamente dão a linha da política espanhola.

PODEMOS ganhou em Barcelona e essa vitória só foi possível graças ao esforço de milhares de trabalhadores, jovens e aposentados que fizeram a campanha mais apaixonada desde a ditadura. Não de menor importância foi a votação expressiva de Madri, local onde PODEMOS fica também como a primeira força de esquerda.

Após as eleições, a pressão da burguesia contra o PODEMOS aumenta por todos os lados, mas os próximos acontecimentos devem consolidar PODEMOS como a maior expressão das massas na Espanha.

O que estamos vendo na Espanha é uma aula daquilo que considerava Trotsky uma expressão da revolução: “A entrada brusca das massas na cena da história para tomar seu destino em suas mãos”.

Hoje, o PODEMOS se organiza através de milhares de círculos populares em todo o país. O que, sem dúvida, foi o que garantiu a vitória nestas eleições e prepara uma vitória nacional no final do ano. PODEMOS tem hoje centenas de milhares de filiados e não para de crescer.

A seção espanhola da CMI organiza os círculos “PODEMOS por el Socialismo”. A revista América Socialista, recém lançada pela Esquerda Marxista, traz um texto sobre o PODEMOS, sua história e perspectiva. Vale a pena ler.



Plenária debateu a necessidade da construção de uma Frente de Esquerda



Preparando o Acampamento Revolucionário 2016